



Renovar o mundo

“Como fazer para ter o Espírito Santo sempre conosco?” Essa pergunta foi dirigida a Chiara Lubich em 1989 por alguns jovens. A resposta dela foi esta:

[...] O Espírito Santo está lá onde se ama. Ele difundiu o amor nos nossos corações; foi isso que Ele trouxe: o amor. Se você o põe em prática, Ele está sempre presente; se você parar e se bloquear, Ele deixa de falar, fica calado; ou pior, pode ser que se infiltrem coisas negativas dentro de você, não só más, porém provenientes de outro espírito, do príncipe – como diz Jesus – deste mundo, isto é, que o diabinho também comece a tentar você. Se, pelo contrário, você estiver no amor, estará sempre na luz e sempre sob a influência do Espírito Santo.

Então: a fim de que esta atmosfera exista sempre, é necessário que vocês estejam sempre no amor. Naturalmente poderão dizer: “Mas Chiara, não é assim tão fácil!...”. Claro! Para tudo é necessário um treino; é preciso habituar-se. Mas, além disso, recebem-se graças especiais, impulsos especiais do Espírito Santo, toques divinos na alma, que nos fazem caminhar, avançar. E isso experimentarão na vida de vocês.

Amar, amar sempre! Então podem ter a certeza de que, se todos amarem, tanto uns como os outros, Jesus estará no meio de vocês e o Espírito Santo também. Vocês já conhecem a técnica do nosso modo de amar, isto é, do amor cristão, que se baseia em quatro pontos (e bastaria um para se santificar!): ser os primeiros a amar, sempre lançados, sempre prontos, sempre em ação, sempre dinâmicos, sempre... porque a vida da Santíssima Trindade é uma vida de amor dinâmica e nós devemos nos espelhar nela; não é um amor parado, é um amor dinâmico.

Prezados leitores:

A nova versão de focolare.org está on line há dois meses. Agora chega a primeira edição do noticiário Mariápolis em formato pdf.

Cada número apresentará as notícias mais importantes dos dois últimos meses. Com esta diagramação queremos facilitar a impressão – integral ou parcial – em folha A4. Assim, poderemos compartilhar as notícias também com quem não tem acesso fácil ao mundo digital.

Agradecemos pelos comentários, pelas sugestões, críticas e propostas sobre a nova versão do site. Deu-nos grande prazer ver como a renovação da linha editorial, que estamos procurando realizar tanto na linguagem como na escolha dos temas e na apresentação, foi acompanhada com grande interesse. O nosso objetivo é passar de uma lógica mais interna do Movimento dos Focolares à tentativa de procurar respostas às perguntas que o mundo de hoje nos apresenta.

Obrigado pela atenção e acompanhamento.

Joachim Schwind

Assessoria de Comunicação Focolares

Então: ser os primeiros a amar. Amar a todos. Por conseguinte, temos uma possibilidade de ter o Espírito Santo, porque durante o dia encontramos uma porção de pessoas e devemos amar a todas. Não é que dizemos: “esta sim, esta não”. Ver Jesus em cada um e isto simplifica tudo. E amar como a si mesmos, igual a si, da mesma maneira [...].

Ser os primeiros a amar, amar a todos, ver Jesus. Olhem que se fizéssemos apenas estas quatro coisas, já seria suficiente para vivermos todo o Ideal, para termos o Espírito Santo, para conquistarmos meio mundo, bastaria isso. [...]

Com o passar do tempo acontecerá cada vez mais que até cada gesto de vocês, cada sorriso, cada passo, cada ato, será efeito do Espírito Santo em vocês. Portanto, coragem! Vamos para a frente por esta estrada e encheremos o mundo de Espírito Santo, o qual renova todas as coisas e renova o mundo inteiro. [...]

Os focolarinos de Fontem escrevem

27 de novembro de 2018

Não existem sinais de que a onda de violência no Sudoeste da República dos Camarões cesse e os focolarinos tiveram que deixar a cidadela, mesmo permanecendo no país.

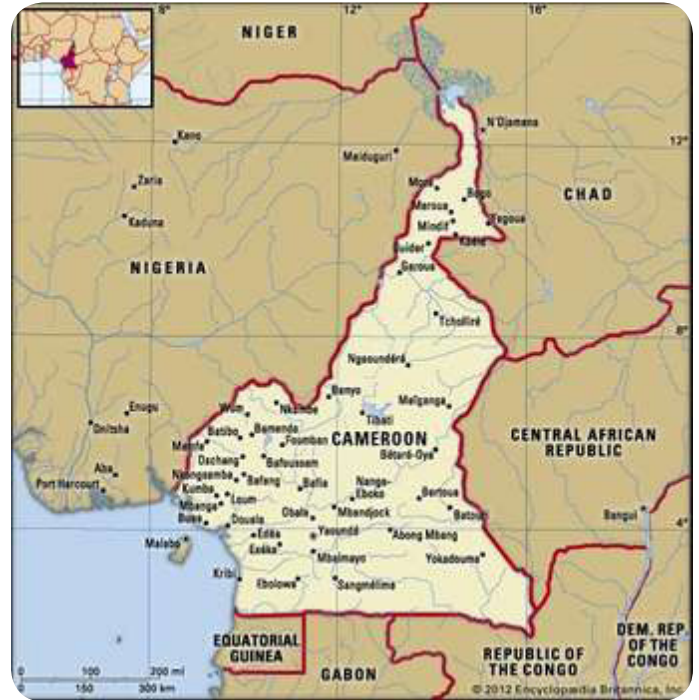
“Por quanto tempo conseguiremos resistir? Como é que a situação vai se desenrolar? Poderemos continuar vivendo em Fontem? Conseguimos perseverar apesar das condições mais adversas”.

Com estas palavras os focolarinos da cidadela na República dos Camarões comunicaram, no dia 16 de novembro, a difícil decisão de não voltar, ao menos por enquanto, para a cidadela – mesmo permanecendo no país – porque faltam “as condições básicas para poder continuar a viver”.

“Muitas coisas aconteceram – continua o comunicado – e em particular alguns incidentes graves fizeram-nos refletir sobre a decisão a ser tomada. (...) Com o coração pesado decidimos não voltar para Fontem, ao menos por enquanto, para que possamos retomar as forças e para procurar entender o que Deus quer”.

A onda de violência que está atingindo o Sudoeste dos Camarões onde Fontem localiza-se, infelizmente não dá sinal de cessar. Nos meses passados, os bispos camaroneses também se manifestaram, com «um grito de aflição» pelo agravar-se das condições de segurança nas regiões anglófonas, pedindo uma mediação política para evitar «guerras civis inúteis».

A cidadela dos Focolares encontra-se numa região de



intenso conflito armado e foi preciso fechar o Complexo escolar. Continua em funcionamento a estrutura hospitalar que oferece assistência a quem necessita.

O presente e o futuro de Fontem

7 de janeiro de 2019

Há meses acompanhamos com apreensão como está evoluindo a situação da primeira Mariápolis permanente africana. Entramos em contato com Margaret Long e Etienne Kenfack, que em nome da comunidade nos fazem o ponto da situação.

“2018 foi, para Fontem, um ano difícil pelos choques que até agora estão em andamento na região norte ocidental e sul ocidental do país e que não dão sinais de se aplacarem. Muitos dos habitantes tiveram que deixar as casas e se proteger na floresta ou nas cidades vizinhas, o colégio está fechado faz tempo e o hospital funciona em regime reduzido.

“Desde quando nós focolarinos partimos de Fontem no mês de outubro passado, – decisão não fácil, mas assumida juntos na certeza de que era a coisa justa – explica Margaret Long, muitos outros se muda-



Fontem, hospital “Mary Health of Africa”



2002, Chiara Lubich visita Fontem

ram, sobretudo famílias que queriam dar aos próprios filhos a possibilidade de frequentar as escolas, o que na cidadezinha não era mais possível. Infelizmente não estamos em condições de dizer quando a vida poderá ser retomada como antes. Estamos em contato diário com quem ficou lá: Aracelis Nkeza e Mbe Tasong Charles levam em frente a vida da comunidade do Focolare”.

“No que se refere ao hospital – continua Etienne Kenfack – o atual estado de perigo não nos permite garantir proteção e segurança a quem trabalha ali. Portanto, nos dirigimos às autoridades sanitárias para entender como ir adiante e, baseados nos conselhos deles compartilhamos a situação com os funcionários e encerramos a relação de trabalho segundo a normativa vigente na República dos Camarões. Aqueles que quiseram continuar o trabalho, decidiram isso livremente, sob a própria responsabilidade pessoal; é por isso que a estrutura continua a garantir um serviço básico mínimo à população.

Ao perguntarmos como será o futuro da cidadezinha, Margaret responde que existe em todos uma grande esperança de que a vida retome e que as pessoas voltem à normalidade. “A proximidade daqueles muitos que rezam no mundo inteiro ou nos escrevem nos dá muita força”. Poderia surgir a dúvida se o conflito, além de destruir vidas humanas, bens materiais e sonhos, não esteja comprometendo também a missão de Fontem como farol de unidade e diálogo intercultural para o continente africano, assim como Chiara Lubich a tinha visto. Etienne especifica que desde os primeiros anos 1960, Chiara

comparava a cidadezinha a uma luz que brotava do amor mútuo vivido por todos: “Hoje, cinquenta anos depois, a impressão é de que este amor e a solidariedade entre todos tenham crescido, aliás, se poderia dizer que quanto mais perigo e precariedade existem, mais crescem”.

Margaret acrescenta que muitas coisas mudaram na África desde aqueles inícios: “Naqueles tempos, a espiritualidade da unidade tinha chegado só a Fontem, enquanto que hoje atingiu todos os países do Continente.

Há a cidadezinha de Man (Mariápolis Vittoria) na Costa do Marfim, que testemunha o diálogo intercultural, e também a Mariápolis Piero no Quênia, centro de formação para a espiritualidade da unidade para todo o Continente Africano; além disso, muitos focolarinos que estavam em Fontem, agora estão partindo para reforçar outros focolares do continente. “Apesar dos contínuos desafios, das incertezas de cada dia, de não saber como irão terminar as coisas, temos a certeza de que o desígnio de Deus para Fontem não se interrompeu, mas como diz o Papa Francisco, estamos só no início e o Espírito Santo, que renova todas as coisas, seguramente renovará também Fontem”. ■

Stefania Tanesini



Em Londres, juristas de Igrejas diferentes

Advogados, juízes e estudantes de direito de diversas denominações cristãs se reuniram no mês de novembro passado para olhar para o compromisso profissional a partir do Evangelho.

“O Evangelho tem profundas implicações inclusive no mundo legal e a Lawyers’ Christian Fellowship (LCF, associação de juristas cristãos) quer levar a Boa Nova de Jesus a este contexto”.

É o que se lê na página web da histórica organização britânica que desde 1852 reúne juristas, advogados e estudantes de diferentes denominações cristãs. Três as áreas de compromisso desenvolvidas em 150 anos de atividade: viver segundo as “leis” evangélicas no trabalho cotidiano; formar os jovens juristas e agir em nível internacional.

E é neste último filão que se insere a conferência: “Um jurista segundo o coração de Deus: a lição do Salmo 119” à qual foi convidada a participar também Comunhão e Direito (CeD), a rede internacional que reúne juristas, advogados e estudantes animados pela espiritualidade dos Focolares. Dirigimos algumas perguntas a Elisabetta Scomazzon e Pasquale De Rosa, consultentes no âmbito jurídico-canônico, que participaram em nome de CeD.

Qual é o “foco” destes encontros entre juristas de Igrejas diferentes?

Elisabetta Scomazzon – É a fé o centro e o vínculo mais forte que nos une, ainda antes da profissão jurídica. Estes encontros são particularmente significativos porque se passa do estar unidos afetivamente, à busca dos possíveis caminhos também em campo jurídico, por exemplo, através de um compromisso claro e manifesto em defesa das faixas mais debilitadas da sociedade. Estas são escolhas em que o direito pode contribuir na construção de relações mais fraternas e capazes de atitudes construtivas.

Quais são os pontos em comum e aqueles sobre os quais é preciso ainda trabalhar, juridicamente falando, de que vocês trataram?

Pasquale De Rosa – Em comum temos sobretudo o compromisso de testemunhar a vida cristã na profissão, por exemplo, na relação advogado-cliente e nos diversos âmbitos onde age um jurista como cristão: ser testemunhas autênticas, portadores da novidade que o cristianismo traz em si.

O nosso trabalho procede em paralelo com o caminho das nossas Igrejas de pertença e se trata para nós de colaborar juntos, começando daquilo que Chiara Lubich definia como o diálogo da vida, compartilhando as nossas experiências como juristas; por exemplo, um tema acalorado é o dos direitos humanos e sobre a declinação deles nos numerosos desafios atuais.

De que modo homens e mulheres “de Direito” de Igrejas diferentes podem contribuir para a paz e a harmonia das respectivas sociedades, num clima como o atual, percorrido por ideias e práxis divisoras?

Elisabetta Scomazzon – Cada povo e nação dá regras a si mesmo, tem um ordenamento e também o Direito pode ser um instrumento de comunhão que ajuda a encontrar respostas às perguntas urgentes do nosso planeta e ao grito da humanidade que sofre injustiças, explorações, guerras.

Encontrar soluções no campo jurídico, juntos, cristãos de Igrejas diferentes, pode não ser uma utopia, mas uma grande oportunidade e uma ocasião para dar esperança de que a unidade é possível. ■

A Redação

Na Bélgica, é “o tempo do nós”

A contribuição do Movimento dos Focolares no caminho complexo de integração e diálogo entre cristãos e muçulmanos na Bélgica, terra ferida também pelos atentados terroristas de 2016.

“Chegou ‘o tempo do nós’, somos uma comunidade, uma ‘minoria profética.” Assim exprimiram-se Maria Voce, presidente do Movimento dos Focolares, e Jesús Moràn, copresidente, ao participarem do encontro em Bruxelas que viu cristãos e muçulmanos juntos que há anos procuram viver no país a fraternidade na diversidade e no respeito da identidade religiosa e cultural de cada um. Estavam presentes no encontro umas cinquenta pessoas, metade muçulmanos e metade cristãos, todos protagonistas do diálogo. Um primeiro momento de cumprimentos alegres acompanhados de uma xícara de chá marroquino criou um ar de família. “Experimentamos uma unidade profunda”, disse Jesús Moràn, “porque Deus é muito grande e está presente em toda a nossa vida”.

A história do islamismo em terras belgas começou há 55 anos com a chegada de imigrantes de ascendência marroquina e turca, continuou com a chegada de outros países e se enriquece hoje com as novas gerações nascidas na Bélgica. Depois dos atentados em Bruxelas em março de 2016, o diálogo com os muçulmanos tornou-se uma prioridade inclusive política. Houve uma nova conscientização da problemática ligada à integração, ou melhor, à não-integração, das minorias muçulmanas. Frequentemente evidencia-se a diversidade, um “nós” e “vocês” fomentado por correntes fundamentalistas. No país, convivem uma minoria muçulmana, crente e praticante, que manifesta sua identidade no espaço público, e uma maioria de cidadãos que rejeitam a herança cristã e são, a maior parte, agnósticos ou indiferentes à fé. Essa sociedade materialista e fortemente laica confunde muitas vezes o fundamentalismo com o islamismo em sua essência e beleza.

A amizade entre o Movimento dos Focolares e os muçulmanos na Bélgica começou há anos quando uma focolarina foi ser professora em um bairro com forte presen-

ça islâmica. Com tantos, nasceram relacionamentos profundos e, aos poucos, algumas pessoas quiseram conhecer o que animava aquela generosa professora. Assim, formou-se um núcleo de pessoas que caminharam com o Movimento dos Focolares, participando inclusive de encontros internacionais de caráter inter-religioso. O diálogo iniciado é e continua a ser um “diálogo da vida” que formou uma rede de fraternidade vivida, renovada, apreciada particularmente nestes tempos difíceis de desconfiança crescente. ■

Chris Hoffmann



Uma jornada extraordinária

Lembrar-se de Alberta Levi Temin por meio de sua história, falar do holocausto com adolescentes de uma escola de ensino fundamental e lançar a Regra de Ouro para construir desde já um mundo de mais paz, mais unido

O sol esplêndido serviu de moldura para uma jornada especial em Ísquia - uma ilha do golfo de Nápoles (Itália) – onde, em 23 de janeiro, alguns adolescentes da escola de ensino fundamental “Giovanni Scotti” puderam conhecer a história de Alberta Levi Temin, admiradora de Chiara Lubich e testemunha direta da tragédia do holocausto, pela apresentação do livro *Finché avrò vita parlerò*, em tradução livre, Enquanto estiver viva, falarei, (Ed. L'Isola dei Ragazzi).

Na presença de um grupo de amigos do Movimento dos Focolares entre docentes, alunos e pais, e também do autor do livro Pasquale Lubrano Lavadera e da professora Diana Pezza Borrelli (que tinha um relacionamento fraterno com Alberta, alimentado também na Associação “Amicizia Ebraico-Cristiana” de Nápoles), os adolescentes escutaram sua emocionante história.

“Alberta veio um dia falar na minha escola”, conta Pasquale, “ela, hebreia, junto com sua querida amiga Diana, católica. Foi convidada a contar a todos os adolescentes e a nós, docentes, o horror do holocausto, mas também a testemunhar que o diálogo é possível entre todos os homens sem distinção de raça, fé ou convicção. Esta frase dela me tocou: A família humana é uma só e somos todos irmãos”.

Alberta morreu em 2016, mas durante a sua vida teve um único pensamento que a inspirou e sempre lhe deu alegria: a Regra de Ouro “Faça aos outros o que gostaria que fosse feito a você, não faça aos outros o que não gostaria que fosse feito a você”. Estava sempre aberta ao diálogo na



sociedade em todos os níveis. “Hoje, mais do que nunca, entendo que é preciso ter um amor maior”, afirmava Alberta, “e, como diz Chiara Lubich, é preciso amar a pátria do outro como a própria. Devemos ter amor por toda a humanidade, só nesse húmus pode nascer o diálogo”.

“Toda escola deveria dedicar em cada sala uma ou duas horas por semana para ensinar o bem relacional, aquele que pode ajudar os adolescentes a conviver entre si com serenidade e estudar juntos em um espírito de colaboração e de busca comum. Mirar em fazer da experiência escolar, que é a primeira e fundamental experiência social do homem, uma verdadeira experiência de ajuda recíproca.” Alberta estava convicta de tudo isso.

Ao fim da história, foi proposto aos adolescentes viver a Regra de Ouro, instrumento de paz e de diálogo, comum a todas as religiões. Como selo da jornada, a diretora da escola, professora Lucia Monti, colocou uma placa em uma oliveira dedicada a ela, para agradecer e para que seu testemunho continue a falar.

“Obrigada”, disse também Chiara, uma aluna da escola, “pela mensagem de fraternidade que nos transmitiram, me tocou muito que os católicos se encontrem com hebreus e pessoas de outras religiões para construir o mundo unido”.

“Sinto que devo agradecer Alberta pela sua vida, sua sabedoria”, afirmou Pasquale Lubrano, “e gostaria que cada um de nós, lendo sua história, agora que ela não está mais entre nós, possa participar plenamente daquela ‘beleza’ interior que faz dela única, para poder doá-la depois a muitas pessoas”. E concluiu: “hoje, experimentei uma grande emoção na escuta atenta dos adolescentes, na sua reação vivaz, nos olhares indagadores, em ter vislumbrado em cada estudante a exigência de viver o Amor por cada homem com a consciência de que a família humana é uma só”. ■

Lorenzo Russo





Nove perguntas a Maria Voce

Publicamos a entrevista com a presidente do Movimento dos Focolares publicada no número de janeiro da revista „Neue Stadt“

1 O que a faz rir com vontade?

Quando cometo alguma gafe. Por exemplo, estou andando, não vejo um degrau e caio. Demoro a levantar porque estou rindo com toda força!

2 O que lhe dá raiva?

Eu não sinto que nascem sentimentos de raiva em mim. No máximo fico desapontada por algo que aconteceu ou por uma palavra que me foi dita ou por alguma coisa que me causou um incômodo.

3 Qual é a experiência mais importante da sua vida?

O encontro com um grupo de jovens. Eles me fascinaram por serem unidos e pelo testemunho coerente de cristianismo que davam, amando e colocando-se a serviço de todos, sem nunca julgar ninguém. Foi isso que me levou a conhecer os Focolares. A minha vida mudou no momento em que eu realmente escutei alguém pensando que aquele era um irmão meu, que Jesus estava nele.

4 Quais são os seus pontos fracos?

A curiosidade. Quando escuto duas pessoas conversando do lado de fora não consigo deixar de prestar atenção no que dizem. Cada vez é um passo decidir não dar importância a isso.

5 Quais são os seus pontos fortes?

O otimismo e a confiança. Eu confio em Deus e também nas pessoas, ainda que não as conheça, e também quando percebo que usei mal a minha confiança. E tenho facilidade de relacionar-me com os outros.

6 Qual é o seu lugar preferido?

O mundo inteiro me agrada. Mas, como lugar preferido penso numa casa confortável, onde há pessoas comigo, com as quais posso ter uma comunhão verdadeira, profunda. E possivelmente num lugar quente, com o sol, perto do mar! E eu imagino essa casa numa cidade, porque sou uma pessoa sociável.

7 O que a faz retomar as forças?

Um bom sono, depois de ter vivido bem o momento presente e ter confiado as preocupações ao Pai Eterno.

8 O que lhe causa preocupação?

Tudo o que remete a conflito, a oposição: as guerras, uma briga em família, problemas não resolvidos. Muitas vezes não posso fazer nada, mas se posso fazer alguma coisa procuro encontrar uma solução ou ajudar outros a encontrá-la.

9 O que mais deseja como dirigente do Movimento dos Focolares?

Que o Movimento seja um testemunho autêntico do carisma da unidade. Existem grupos em muitas partes do mundo que o vivem, neste momento. Isso me dá tranquilidade, segurança. Porque deles nascerão ideias novas, novas formas de encarnação. Eles levam adiante o carisma da unidade até alcançar o objetivo pelo qual Jesus rezou: “Pai, que todos sejam uma coisa só”.

Fronteira entre México e EUA/1 – acolher e dar esperança

Mesmo que a mídia noticie sobre a intermitência do drama que continua acontecendo na fronteira entre México e EUA, muitas pessoas e organizações, entre elas o Movimento dos Focolares, não abandonam os imigrantes.



Nas últimas semanas, notícias e imagens da coluna composta por milhares de pessoas em marcha de Honduras até a fronteira com os Estados Unidos rodaram o mundo. “Nesta região, o fenômeno migratório é muito comum”, nos explicou Sandra Garcia-Farias Herrera da comunidade do Movimento dos Focolares do noroeste do México. “Mexicali e Tijuana são cidades de fronteira que cresceram justamente pelo alto número de pessoas que chegaram aqui com o sonho de entrar nos Estados Unidos. Mas o que assistimos no último mês não tem precedentes.

A própria população não entende como o fenômeno chegou a essa proporção e o que impulsionou tantas famílias a deixar tudo, mesmo em situações climáticas adversas, e viajar. A estrada termina aqui e o sonho de-

les parece morrer. As ruas e os lugares públicos viraram acampamentos. A confusão é grande, vimos atos violentos, fechamento das fronteiras dos EUA, o arame farpado sobre o muro, a grande preparação de forças policiais para defender as fronteiras, inclusive com helicópteros e veículos especiais que nunca tínhamos visto antes. Parece que vai estourar uma guerra. A falta de informações sobre as razões que os fizeram partir, e também as notícias difundidas pelos meios de comunicação e pelas redes sociais, suscitaram sentimentos contrastantes entre os habitantes do México, além de hostilidade e desprezo, até episódios de xenofobia.”

Enquanto alguns jovens do Movimento dos Focolares procuram um modo de entrar nos campos destinados aos migrantes nessa última etapa do percurso mexicano, outros se aproximaram deles nas ruas, tentando entender sua motivação, mas principalmente suas necessidades. Uma família acompanhou de carro duas mulheres com crianças pequenas até Tijuana para que evitassem um percurso muito difícil. Outros, que trabalham em um centro educacional, propuseram aos estudantes uma mudança de comportamento cultural para manifestar aos imigrantes sua solidariedade e um sentido de fraternidade que deve ser dado a todos os homens. “Agora, a prioridade é combater a confusão desenfreada e os atos de intolerância derivados dela, também entre os jovens. É preciso difundir a cultura da acolhida.” ■

Chiara Favotti



Fronteira entre México-EUA/2 - a longa viagem

Christopher Jiménez, da comunidade dos Focolares do México, conta sobre o longo êxodo dos migrantes de Honduras que estão há semanas aos pés do muro que os separa dos Estados Unidos.

«No dia 12 de outubro, uma mensagem através das redes sociais – afirma Christofer Jiménez, que colabora com a associação Promoção Integral da Pessoa (PIP) – espalhou-se em pouco tempo como um vírus. Mais de mil hondurenhos partiram de São Pedro Sula», cidade que por muitos anos, até 2014, foi considerada uma das mais violentas do planeta. Desde então, o mundo inteiro está assistindo àquilo que, por muitas pessoas, foi definido um êxodo bíblico. «Uma semana depois, enquanto a caravana ultrapassava a fronteira com o México, numerosas organizações da sociedade civil e agências governativas tinham-se já colocado em campo para fornecer assistência humanitária, primeiro em Chiapas, depois em Oaxaca e em Veracruz». A este ponto, não se tratava mais de um único contingente de migrantes, mas de vários grupos que chegavam em ondas, a pé ou com meios de transportes improvisados, atravessando o país por milhares de quilômetros.

«Em fins de outubro - continua Christofer - quando já era eminente a chegada deles à Cidade do México, na capital, por causa de um grave problema hídrico, tinha sido programada o corte da água potável para mais de quatro milhões de habitantes. Mesmo assim, apesar das dificuldades e do frio intenso, muitas organizações civis e religiosas responderam ao convite da Comissão local para os direitos humanos, com a criação de um campo humanitário à leste da cidade. Também os Focolares aderiram. Cerca de trinta pessoas, dentre as quais médicos, enfermeiros, estudantes e donas de casa, foram para os centros de atendimentos de pronto socorro e de distribuição de alimentos e roupas. Ao mesmo tempo, um outro grupo organizou uma coleta de gêneros de primeiras necessidades e uma associação civil que se inspira na espiritualidade do Movimento ofereceu colaboração técnica e logística».

Na manhã do dia 5 de novembro, cerca de cinco mil migrantes chegaram à capital. Nos dias sucessivos, quase dez mil pessoas receberam acolhimento, alimentos, cobertas e roupas. «Apesar da solidariedade de muitos, a passagem deles não foi isenta de atritos e tons de violência. Alguns incidentes chegaram ao ponto de provocar

episódios graves de xenofobia. Agora a onda de migrantes espera com impaciência diante do muro intransponível que separa a cidade mexicana de Tijuana dos Estados Unidos. Esperamos dias de grande incerteza. Mas a passagem deles, mesmo entre as armadilhas de uma trajetória muito complexa, indicaram ao coração do povo mexicano a direção para o qual seu sonho se move». ■

Chiara Favotti



Mudar as histórias islâmicas-cristãs

Entre o Centro Internacional de Loppiano e a cidade de Trento, aconteceu um laboratório islâmico-cristão que desmente as atuais histórias de ódio e desconfiança entre as duas religiões.

Trento, 7 de dezembro de 2018 – Acabou de concluir-se a Week of Unity, uma semana da unidade, organizada pelo Instituto Universitário Sophia (IUS) de comum acordo com o Risalat International Institute em Qom (Irã) e o Centro do Diálogo Inter-Religioso do Movimento dos Focolares. Mas a data e o local não foram escolhidos por acaso assim como a formação do grupo de pesquisa. A data marca o 75º aniversário da escolha de Chiara Lubich em dedicar sua vida a Deus, deixando tudo para segui-lo.



O grupo que celebrou esse aniversário é formado por umas cinquenta pessoas, a maioria jovens, muçulmanos xiitas e católicos. Eles são de vários lugares: Líbano, Egito, Irã, Emirados Árabes, EUA, Inglaterra, Canadá, Argentina, Itália. Todos protagonistas desta Week of Unity, último passo de um projeto que nasceu como uma profecia: Wings of Unity, as asas da unidade.

É uma iniciativa que tomou corpo há menos de três anos, mas que marca um caminho de duas décadas de amizade do professor Mohammad Shomali e sua esposa Mahnaz com o Movimento dos Focolares. De fato, entre o professor Shomali e o professor Piero Coda, presidente do IUS, nasceu uma amizade intelectual e de vida que levou um pequeno grupo acadêmico das duas religiões e das duas realidades acadêmicas a refletir sobre um tema crucial: a unidade de Deus e a unidade em Deus. Nessa perspectiva, a sensibilidade muçulmana ao monoteísmo

absoluto se abre à dimensão dialógica do Deus cristão, em uma reflexão com mais vozes que trazem pensamento e tradições diversas não para demonstrar ou impor a Verdade, mas para caminhar juntos em direção a ela.

As aulas dos professores tocaram pontos nevrálgicos seja da cultura do mundo globalizado seja das verdades fundamentais propostas pelas duas fés, mas a Semana da Unidade foi, sobretudo, uma experiência de encontro de corações e de mentes que levou os participantes a fazer uma verdadeira experiência de shekinah, a presença da paz de Deus entre os fiéis.

A experiência não ficou restrita aos participantes, pois havia o desejo de abrir-se em dois preciosos momentos de partilha. Primeiro, na cidadela de Loppiano e em segundo no Centro Mariápolis Chiara Lubich em Cadine (Trento). Quem estava presente não só pode escutar uma experiência que parece desmentir clamorosamente a história atual nos relacionamentos entre cristãos e muçulmanos que fala de medo, repulsa, invasão; puderam fazer uma profunda experiência de enriquecimento recíproco, o testemunho em um clima de paz dentro do qual é possível viver e construir aquilo que o papa Francisco define como uma 'cultura do encontro'. ■

Roberto Catalano



Wallis-Futuna: Vamos limpar a nossa ilha

No arquipélago Wallis-Futuna, há três anos a comunidade dos Focolares, em sinergia com as autoridades locais, apoia uma iniciativa ecológica para reconduzir a ilha de Wallis à sua beleza original.

Wallis, junto com Futuna, Alofi e outras vinte ilhas menores, no sul do Oceano Pacífico, faz parte de um arquipélago que, desde 1961, é território ultramarino da República francesa. A ilha, a maior e mais populosa, é cercada por sua vez de algumas ilhotas e uma enorme barreira de corais. Um território de beleza incomparável, mas ameaçado, já há vários anos, por um alarmante aumento de dejetos – canudinhos, destroços, garrafas de plástico, pneus, vidros, móveis – abandonados sem nenhuma discriminação ou transportados pelas correntes marítimas, e que se tornaram causa de poluição das praias e do fundo do mar. «A questão é sempre mais preocupante e isso é demonstrado pela crescente atenção dos meios de comunicação locais, entre estes o conhecido canal televisivo RFO Wallis e Futuna, sobre o tema», explica Eva Pelletier, da comunidade dos Focolares.

«Desde 2015, como resposta à Encíclica Laudato si, do Papa Francisco, decidimos empenhar-nos pela nossa ilha com um plano de sensibilização ao respeito pelo ambiente e à coleta do lixo, por meio de uma série de iniciativas que envolveram adultos, jovens e crianças. Esta ação ecológica deu-nos a oportunidade de construir sinergias com as instituições locais e ocasiões de diálogo, em muitos níveis».

O problema, continua Eva, com efeito, é motivo de divisão entre os três Reinos nos quais o território é dividido, e até mesmo dentro da Assembleia que o governa. «Para nossa grande surpresa, em novembro de 2017, por ocasião da abertura da Semana dedicada à redução do lixo, em toda a Europa (SERR), o prefeito, de acordo com o Departamento do Ambiente, quis participar de um dos nossos eventos, na ilha de Nukuloa, ao norte de Wallis. Pelas circunstâncias, uniram-se também outros ministros, o chefe do distrito setentrional e os chefes das vilas Vaitupu e Vailala. Após os discursos de boas vindas e uma cerimônia inicial, com a oferta de guirlandas de flores e pratos tradicionais, espontaneamente uma menina distribuiu as luvas para recolher o lixo, começando justamente pelo prefeito e o primeiro ministro. Naquele dia limpamos as praias de 500 quilos de lixo».

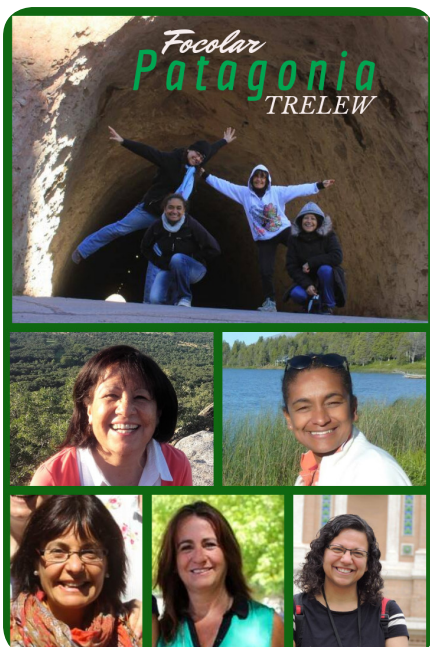


Desde 2016 o Departamento para o Ambiente apoia a ação, colocando à disposição barcos, caminhões e funcionários. Em maio de 2018 a operação não se limitou a retirar o lixo («mais de 2.600 quilos»), mas atuou também no combate à epidemia de dengue, que é transmitida pelas picadas de mosquitos infectados. «Nós nos dedicamos à limpeza de canais, calhas, bordas das fontes e de um poço muito profundo».

«Nesta terra convém que cada um faça a sua parte – conclui Eva, citando uma frase de Chiara Lubich – e ainda que o outro não responda fazendo a sua, não perca o ânimo. No amor, o que vale é amar». ■

Chiara Favotti





Argentina: Em direção ao sul

pois de ter sonhado com uma terra que reconheceu ser precisamente a Patagônia”.

O território de Trelew, habitado por povos nativos mapuche-tehuelche, viu a chegada em 1865 de imigrantes galeses. “Para mim encontrar o Movimento dos Focolares - disse Emma, apresentando-se - foi experimentar o amor infinito de Deus. Quanto mais fui conhecendo Deus, mais quis amá-lo, até querer segui-Lo para levar o Amor até os confins da terra. E, precisamente vim parar nos confins da terra! Como é que nós vivemos aqui? Procurando por em prática o amor evangélico: no trabalho, pelas ruas, na paróquia e nas comunidades do Movimento espalhadas por toda a Patagônia”.

Clima frio e grandes extensões de terras para uma população que une nativos e migrantes. É a Patagônia, no extremo sul da Argentina, onde vivem várias comunidades do Movimento e, desde 2010, abriu-se um focolare.

Uma paisagem encantadora com rios, lagos, mares, montanhas e geleiras, povoadas por muitas espécies de animais: baleias, pinguins, “maras” ou lebres da Patagônia, guáiacos (camelídeos comuns na América do Sul) e os avestruzes típicos desta região chamada “choique”. Neste cenário de clima frio e seco, em 2010, abriu-se em Trelew, o focolare localizado mais ao sul do mundo. A cidade é quase uma “porta” natural para o extenso território da Patagônia (1.768.165 km²), no qual já existia um grupo muito vivo do Movimento. Hoje o focolare acompanha as comunidades de Neuquen, Rio Negro, Chubut, Santa Cruz e Tierra del Fuego. É composto por cinco focolarinas: Ângela Correia, do Brasil. Emma Murillo, do México, e três argentinas, Silvia Deramo, Mónica Reina e Maria Ángel.

“Estou muito feliz por estar aqui – explica Mónica – onde Dom Bosco enviou missionários salesianos, de-

“No ambiente de trabalho – explica Ângela, professora de língua portuguesa na Universidade estadual – pude constatar que, procurando transmitir não com palavras, mas com a vida, os valores nos quais acredito, criou-se com os colegas e os alunos um relacionamento de amizade e confiança. Vi que muitos comportamentos individualistas mudaram”.

Serviços nos espaços pastorais e da Igreja local, no diálogo entre as Igrejas e com pessoas com convicções não religiosas, além de atividades de apoio e acompanhamento a famílias em necessidade são algumas das atividades do Movimento neste ambiente culturalmente rico e numa sociedade muito variada. A população é constituída por pessoas de vários países e culturas: muitas pessoas transferem-se para a Patagônia de regiões e países vizinhos em busca de trabalho e de um futuro melhor. Portanto, um ponto forte, mas também um desafio, porque muitas destas pessoas permanecem ali apenas por um período de suas vidas e depois voltam para os lugares de origem. ■

A Redação



Uma Mariápolis Europeia

Após 70 anos da primeira Mariápolis, o evento retorna às Dolomitas, na Itália, voltado para todo o continente europeu. Entrevistamos Peter Forst, responsável da região da Europa central do Movimento dos Focolares e um dos organizadores do evento.

A Europa de hoje parece estar muito dividida (Brexit de um lado, muros contra acolhimento de outro). Qual é o sentido de fazer uma Mariápolis europeia?

Foi justamente a constatação do quanto a Europa está dividida que fez nascer a ideia da Mariápolis europeia. Percebemos que temos opiniões muito diferentes, às vezes, contrárias, sobre desenvolvimento na Europa, migrações, valores... e o primeiro objetivo da Mariápolis é reforçar os relacionamentos, criar espaços de comunhão e partilha, encorajar a humanidade a andar decididamente na estrada da fraternidade universal e da unidade dos homens e povos. Assim, esperamos poder dar um testemunho de que é possível permanecer unidos mesmo com tantas diferenças.

Da primeira Mariápolis, em 1949, até hoje: como elas mudaram?

As primeiras Mariápolis eram muito espontâneas. Talvez hoje seja necessário um pouco mais de organização logística e de preparação do programa. Mas o espírito da Mariápolis europeia é o mesmo daquele de 60 ou 70 anos atrás: experimentar e testemunhar que a humanidade é uma família. O caminho para chegar lá? Um amor incondicional.

Por que justamente nas Dolomitas?

A ideia de fazer a Mariápolis no mesmo lugar onde nasceu convenceu a todos imediatamente. Ali, há 70 anos, Chiara Lubich estava de férias com as primeiras e os primeiros focolarinos e foi justamente lá que, com eles e com o parlamentar Iginio Giordani, no verão de 1949, viveram uma experiência de luz, de particular união com Deus e de profunda unidade entre si que marcou a fundação do Movimento que estava nascendo.

Não é a nostalgia que nos impulsionou a escolher as Dolomitas, mas a convicção de que justamente no “após-Chiara” é importante voltar às raízes para poder encontrar os meios e respostas para hoje.

Quem participará? Qual é o programa? O que pretendem com o título “Mirar alto”?

A Mariápolis é aberta a todos. Há 600 lugares por

semana. A inscrição pode ser feita até 31 de janeiro (www.mariapolieuropea.org). No programa haverá passeios, esporte, jogos, música, espiritualidade, orações, workshops criativos e fóruns temáticos – tudo será uma ocasião de encontro verdadeiro. “Mirar alto” nos parecia uma imagem apropriada para o objetivo de viver relacionamentos de alta qualidade espiritual e humana. E, estando nas montanhas, automaticamente se mira alto. ■

Lorenzo Russo

Puntare in alto
Mettere in relazione
Persone, Culture e Storie
Mariapoli
Mariapoli Europea 2019
Tonadico, Dolomiti (Italia)
Cittadini provenienti dalle cinquanta nazioni d'Europa si riuniscono per una vacanza nelle Dolomiti, per tornare alle origini della Mariapoli. Un'esperienza all'insegna della fraternità dove ognuno riscopre la bellezza dell'Europa nella sua diversità.
14/07 - 21/07 IT EN SL CZ FR
21/07 - 28/07 IT EN DE HR PL NL
28/07 - 04/08 IT EN RU SK IT PT
04/08 - 11/08 IT EN DE HU RO ES
www.mariapolieuropea.org
CON IL PATROCINIO DI:
movimento dei focolari
COMUNITÀ DI PRIMERIO
COMUNE DI PRIMERIO
SUA MANTOVA IN CANTIERI

Estabelecido o pacto por uma nova governança das cidades

Concluiu-se o encontro "Co-Governança, corresponsabilidade nas cidades hoje", com um documentos que propõe, aos cidadãos e à administração pública, a prática da participação e da construção de redes de cidadãos, atores sociais e cidades.

“A política é o amor dos amores que reúne na unidade de um desígnio comum a riqueza das pessoas e dos grupos, permitindo a cada um realizar livremente a própria vocação”(1). Conclui-se com as palavras desafiantes de Chiara Lubich, fundadora dos Focolares, o congresso intitulado “Co-Governança, responsabilidade conjunta nas cidades hoje”. O evento dedicou-se ao governo participativo das cidades e foi promovido pelo Movimento Humanidade Nova, Movimento Político pela Unidade e a Associação “Città per la Fraternità” (Cidades pela Fraternidade), expressões do compromisso social e político dos Focolares. Foi a primeira edição do evento que será realizado no Brasil em 2021.

Participaram do encontro mais de 400 administradores públicos, políticos, empresários, professores e estudantes universitários e cidadãos de 33 países. Os trabalhos contaram com a participação, apresentada nas suas numerosas aplicações, como demonstraram as histórias e as praxes partilhadas por mais de 60 especialistas nos campos do urbanismo, da comunicação, dos serviços, da economia, da política e do ambiente.

“Estamos convencidos de que a participação seja uma escolha estratégica, o modo mais consoante para viver bem na cidade – explica Lucia Fronza Crepaz, já parlamentar, formadora na “Escola de preparação social” em Trento (Itália) e membro do comitê científico do evento. “Uma participação não concebida como substituição dos procedimentos da representação, mas uma escolha, como uma modalidade eficaz para enfrentar a complexidade dos problemas e devolver consistência ao mandato democrático”.

Resultado dos trabalhos foi a aprovação e a assinatura do “Pacto por uma nova Governança” com o qual os participantes se comprometeram em “contaminar” as próprias comunidades e administrações públicas. Os 400 firmatários do acordo comprometeram-se em compor três redes para agregar as diversidades e responder à complexa realidade.

São redes de cidadãos: “todos aqueles que moram no território urbano, que mantêm a diversidade de funções e tarefas, mas inspirados pela mesma responsabilidade”; as redes de agentes coletivos: isto é, os grupos profissionais e econômicos, os sujeitos do voluntariado e do âmbito religioso, da cultura e da universidade, da informação e da comunicação...”; as redes entre as cidades: “...propõem-se fazer colaborar em primeiro lugar a cidadania, com a criação de plataformas acessíveis a todos e fáceis de usar; cooperam superando os interesses particulares e os preconceitos que minam a confiança, fundamento indispensável para a construção de uma rede; miram a compartilhar programas e informações, recursos humanos e materiais, mas também fracassos e experiências problemáticas, para se ajudarem reciprocamente e abrirem visões e colaborações operativas; pedem para serem reconhecidas como agentes essenciais dentro das organizações e das instituições inter e transnacionais, de modo a integrar com a voz dos povos a representatividade dos governos”. ■

A Redação

Informações e textos da conferência: www.co-governance.org



No Nepal, para criar liames

O que os leva a viajar para vivenciar um “focolare temporário” é o desejo de compartilhar a descoberta que deu sentido e alegria às suas vidas. A fim de que outros possam experimentar que viver pela fraternidade universal é a mais linda das aventuras.

São jovens, adultos e famílias que, em pequenos grupos, partem para países distantes, onde os esperam comunidades e lugarejos, para percorrerem juntos um trecho de estrada e fazer a experiência da acolhida e da troca entre culturas diferentes, na doação ao outro e no “fazer-se um”, nas alegrias e das dores. Porque – estão convencidos – o homem realiza plenamente a si mesmo amando o seu próximo. E a fraternidade é possível inclusive entre pessoas de credos e convicções diferentes: “Faça aos outros o que gostaria que fosse feito a você” é a Regra de Ouro que todos os homens podem assumir como própria.

Esses pequenos grupos são os assim chamados “Focolares temporários”, tradução itinerante dos tradicionais focolares, centros nodais do Movimento em um território e coração da sua vida interna. Nos últimos anos surgiram dezenas deles. No rastro dos “pioneiros” do Movimento dos Focolares, que a partir dos anos 1950 foram enviados por Chiara Lubich aos vários continentes para levar o carisma da unidade. Como apóstolos modernos. No Nepal, ponto de encontro entre as populações mongóis da Ásia e as caucasianas das planícies indianas, com uma espiritualidade profunda, com o cristianismo e o hinduísmo que flanqueiam o budismo, um grupo de focolarinos realizou a sua viagem. De 20 de outubro a 7 de novembro de 2018, da capital, Katmandu a Dharan, no sul, e depois mais ao norte, a Pokhara. Mais do que tudo, criando liames.

Provenientes da Índia, Itália e Grã-Bretanha, imediatamente os membros do Focolare imergiram-se na cultura nepalesa. Quando chegaram estava se realizando o Festival hindu Dashain, o maior festival hindu, que envolve o país inteiro, e participaram do rito da Tika, recebendo a benção tradicional.

Em Daharan o grupo foi recebido em algumas paróquias, contou a história do Movimento e falou do compromisso pela fraternidade universal. Grande entusiasmo das pessoas encontradas, assim como dos sacerdotes. Na capital, dois jovens nepaleses uniram-se ao grupo. Eles haviam participado do Genfest 2018, em Manila, e compartilharam sua experiência com os estudantes de uma escola dirigida pelos padres jesuítas.



Em Pokhara o encontro com algumas famílias hindus, pobres e sem recursos: harmonia e dignidade enchem aquelas casas. Os focolarinos falaram do ideal da unidade, antes de serem convidados para almoçar, escutando músicas tradicionais.

Em seguida o grupo visitou o bispo, D. Paul Simick, Vigário Apostólico do Nepal, que se mostrou feliz pela presença deles no país e os convidou a encontrarem-se com os sacerdotes.

Uma viagem, ao Nepal, de enriquecimento mútuo, com o encontro entre o ideal da unidade e a cultura local. Um ditado budista a descreve de forma muito eficaz: Aqueles que tem pensamentos “altos” não estão felizes de ficar no mesmo lugar, mas como os cisnes deixam suas casas e voam para uma casa mais alta. ■

Claudia Di Lorenzi

Uma delegação do Inst. Universitário Sophia visita o Patriarca Ecumênico Bartolomeu

A iniciativa foi promovida pela «Cátedra Ecumênica Internacional Patriarca Atenágoras – Chiara Lubich», instituída em seguida ao doutorado honoris causa conferido ao mesmo Patriarca Bartolomeu em 2015.

“Continuai o percurso que empreendestes pelo caminho do diálogo, porque ele é reconciliação, é encontro, é capacidade de compreender, é filantropia divina, é acolhida do diferente, é transfiguração do mundo, é acolher Deus na história humana. Levai esta mensagem a todos aqueles que a qualquer título participam da obra do Vosso Instituto, abraçando fraternamente a Presidente do Movimento dos Focolares, Maria Voce e todos os irmãos e irmãs do Movimento. O Patriarcado Ecumênico é também a Vossa casa, esta cidade de Constantino é também a vossa cidade, porque não sois estrangeiros, mas sois amigos para nós”. São os votos finais que o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I, dirigiu a 30 entre docentes e estudantes do Instituto Universitário Sophia (Loppiano) de diferentes países que, juntamente com o reitor, Mons. Piero Coda, foram à sua sede no Fanar (Istambul - Turquia).

A visita da delegação de Sophia ao Patriarcado ecumênico se realizou de 8 a 12 de janeiro e foi promovida pela “Cátedra ecumênica internacional Patriarca Atenágoras – Chiara Lubich”, instituída em seguida ao doutorado h.c. conferido ao Patriarca Bartolomeu no dia 26 de outubro de 2015 para “fazer memória e relançar o espírito profético que animou a extraordinária sintonia de coração e de mente entre o Patriarca Atenágoras I e Chiara Lubich, logo após o Concílio Vaticano II e o histórico encontro do Patriarca com o Papa Paulo VI”.

A missão acadêmica previa, entre outras coisas, junto com a audiência com o Patriarca, o encontro com o Metropolita Gennadios Zervos, presente nestes dias em Istambul para o Santo Sínodo, e com o Metropolita Elpidophoros de Bursa no Mosteiro da Santa Trindade na ilha de Halki (Turquia), que aconteceu no dia 10 de janeiro. Deste encontro nasceram fecundas perspectivas de cooperação entre o Seminário e o Instituto Universitário Sophia, entre as quais uma Summer School, a se realizar provavelmente no final da primavera europeia de 2020.

A visita assumiu particular relevo no delicado momento de tensão que atravessa hoje o mundo ortodoxo, porque pretende repropor o compromisso a percorrer com tenacidade o caminho do conhecimento mútuo e do intercâmbio recíproco de dons para promover a fraternidade e a comunhão. ■

A Redação





Valdagno (Itália): Um trabalho que vai além da esperança

Perder o trabalho aos 53 anos e com três filhos poderia colocar qualquer um numa grande provação. Mirco não se desencorajou: começou a estudar e iniciou um projeto baseado na dança como veículo para unir as pessoas e favorecer a troca de emoções.

«Um dia alguém disse-me: “Por que não fazes da tua própria paixão um trabalho?”. Foi assim que começou o desafio, nada simples, de construir uma nova identidade laborativa». Mirco Castello, classe 1955, atualmente Art Counselor (consultor artístico), após perder o emprego («um bom trabalho no mundo dos têxteis e do vestuário») e a dispensa, em 2008 começou a fazer as contas com um orçamento familiar cada vez mais precário. «Procurei ouvir os conselhos que me davam, mas principalmente uma “voz” dentro de mim, que me sugeria para arriscar mais uma vez. Há muitos anos eu trabalhava com a mímica, o teatro e a dança, apenas por paixão. Procurei transformar esta paixão em um serviço aos outros, principalmente para as crianças. Comecei com um projeto de dança na escola infantil e primária, para brincar com a dança e com a música».

A dança – explicou-lhe uma psicóloga infantil – tem o poder de ajudar as crianças a reencontrar uma harmonia nova. Mas não é suficiente: para trabalhar com as instituições é preciso a qualificação, e assim Mirco começou a estudar, atualizou-se, conseguiu o diploma em Art Counselor e o mestrado em mediação familiar, entrou em contato com as escolas públicas e particulares da Itália, abriu um site (www.ledanzedimirco.it), onde propõe estágios aos professores e encontros com as crianças.

«Desde 2008, com a minha família vivemos sempre “no limite”, sempre esperando que não aconteça uma despesa imprevista. Mas posso dizer que nunca nos faltou nada. Numa profunda unidade com a minha mulher e com os amigos da comunidade dos Focolares a que

pertenço e que me apoiam, confiei sempre em Deus. Ele indica-me os passos que devo fazer e com o meu trabalho posso testemunhar que Ele me ama e não me abandona. Considero-o o meu novo empregador».

Atualmente Mirco desenvolve um projeto que envolve 2 mil crianças por ano, não apenas na Itália, mas também na Europa: «Brinco com as crianças com a música e assim percebo imediatamente as dificuldades delas. Hoje as crianças sofrem muito! Sofrem pela falta de valores, de regras, de autonomia, ou vivem situações de separação ou conflitos dos pais». Juntamente com a esposa, ele também realiza um projeto para os adultos. «Falamos sobre franqueza, assertividade, compreensão e perdão». «E sabe qual é a coisa mais bonita? Há dez anos não conseguimos fazer férias porque não temos como pagar, e agora nos ofereceram uma viagem no Quênia (África) em janeiro, para encontrar as crianças de duas escolas e de um orfanato, e um outro à Rússia. Como não ver em tudo isso o amor do meu novo empregador?». ■

Chiara Favotti





Um homem "evangélico"

Humilde mas decidido, com a convicção de que o Evangelho é um dos livros mais revolucionários da história, capaz de mudar o mundo. Assim viveu Marco Aquini. Deixou-nos há um mês, no dia 4 de janeiro passado.

O encontro com Marco marcava. Era uma daquelas pessoas francas que, com o olhar profundo, chegava diretamente ao coração, e com poucas palavras, sem divagar, respondia com gestos concretos às tuas necessidades, dava um conselho, mas sem impor nada, pelo contrário, suscitando uma resposta interior.

Nasceu em 1958 e foi um dos primeiros jovens da sua região a aderir aos Focolares. Vinha do Friuli, uma terra de pessoas íntegras: sério, trabalho, disciplinado. Conheceu cedo a crueldade que a vida às vezes traz, com a perda do pai após um acidente grave. Mas o encontro com a espiritualidade dos Focolares deu uma virada na sua história. Durante um campus com os Gen (os jovens dos Focolares) em 1978, sentiu o chamado a doar-se a Deus como focolarino e aderiu ao convite de Chiara Lubich de assumir um compromisso de fidelidade a Deus até ao fim da vida. Tratava-se do "Pacto do até o fim", que se tornou histórico. Naquela época, escreveu a Chiara: "Antes de conhecer o Ideal* estava muito fechado no meu mundo de ouro. Agora estou saindo de mim mesmo. Volto para casa com a consciência de ter a força potencial de mudar o mundo onde vivo".

Deu a sua contribuição com entusiasmo primeiro na Alemanha, depois outra vez na Itália, no centro do Movimento dos Focolares, especialmente na fundação de dois organismos ao serviço dos últimos e da paz: a AMU-Associação Mundo Unido AMU e "New Humanity", a ONG do Movimento credenciada na ONU.

Por vários anos trabalhou também como conselheiro central para o aspecto da "Comunhão dos bens, Economia e Trabalho". Tornou-se corresponsável do movimento Jovens por um Mundo Unido. A partir do ano 2000 esteve ao lado de Chiara Lubich e Eli Folonari na condução do Collegamento CH, a vídeo-conferência que, desde 1980, reúne periodicamente a família dos Focolares no mundo.

Mas a vida reservou-lhe uma outra experiência inesperada, a inexplicável morte da sua irmã Chiara, que tinha uma saúde frágil. Sofreu muito junto com a sua mãe, enquanto seguiram-se os dias de buscas até que o corpo foi encontrado. Também nesta tragédia Marco conseguiu perceber o amor de Deus que lhe deu a força para sustentar a sua família. Depois Marco colaborou com a sua mãe, Franca, para o nascimento de uma casa de acolhimento intitulada à irmã, para a inserção social de pessoas com necessidades especiais e doenças psíquicas. Mesmo à distância, continuou sempre mantendo contato com a associação.

Dedicou-se também ao ensino académico na Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino de Roma e, sempre na área da economia dos Focolares, assumiu o cargo de membro do atual Conselho de administração da revista "Città Nuova". O seu amor para com os mais necessitados levou-o a comprometer-se também em oferecer uma assistência competente a um grupo de escuta da Caritas.

Em novembro de 2018 compartilhou com muitos amigos a descoberta de uma doença grave e enfrentou esta nova etapa com uma escolha de Deus renovada, que lhe deu uma alegria profunda, apesar do grande sofrimento físico. Maria Voce, no telegrama enviado às comunidades dos Focolares no mundo, destacou a sua vocação de focolarino, o seu estilo sóbrio, claro e direto que se refletia na palavra do Evangelho que Chiara lhe indicou como lema de vida: "Que o vosso falar seja: «Sim, sim», «Não, não»" (Mt 5,37), e como tenha vivido de maneira extraordinária a doença.

A última etapa da vida de Marco deixou todos sem palavras, na aparente impossibilidade de acompanhar o rápido agravamento da saúde que, em apenas dois meses, o levou, na manhã de 4 de janeiro, a alcançar a meta do Céu. Ao seu funeral estavam presentes pessoas de todos os tipos, todas ligadas a ele, de algum modo, junto com ele escalando não apenas as suas amadas montanhas, mas os cumes mais altos da vida, acompanhados pelo seu exemplo autêntico e luminoso. ■

Patrizia Mazzola

*a espiritualidade dos Focolares

Um bispo do diálogo

D. Armando Bortolaso nos deixou no dia 8 de janeiro passado, após quase 70 anos transcorridos na “sua” amadíssima terra, o Oriente Médio. Durante 10 anos desempenhou o cargo de Vigário apostólico na Síria.

Como se faz para resistir quase setenta anos numa terra tão martirizada? “Para o religioso não é uma questão de lugar, mas de missão; é preciso estar presente lá onde as pessoas têm mais necessidade de serem amadas” .

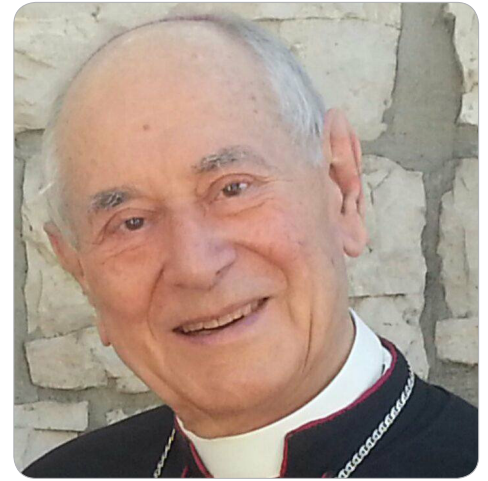
D. Armando Bortolaso descreveu assim, em 2013, o sentido mais profundo das suas escolhas como homem, sacerdote e, depois, bispo. Ele nos deixou no dia 8 de janeiro passado aos 91 anos, na Casa Salesiana El Houssein de Beirute após quase 70 anos vividos na “sua” terra, o Oriente Médio.

Nascido no Vêneto (Norte da Itália) em 1926, aportou em Jerusalém em 1948. Entrando a fazer parte da família Salesiana, celebrou a sua primeira missa em 1953, precisamente na Basílica do Santo Sepulcro para depois desempenhar diferentes cargos na Terra Santa, Líbano e Síria.

“Homem do diálogo”, “bispo em primeira fila”, “tecedor de unidade”: são muitos os apelativos com os quais ele está sendo lembrado nestes dias e que por si só oferecem uma visão deste homem humilde, transparente e com uma fé inabalável na unidade, vivida e pregada por ele como único destino dos povos, em especial do amadíssimo povo sírio, com o qual viveu vinte e dois anos, dez dos quais desempenhando o serviço de Vigário apostólico.

“A Síria é a minha segunda pátria”, afirmou numa entrevista. “Saber que a ‘minha’ gente é dilacerada pela dor, ver Alepo, terra abençoada, reduzida a um monte de escombros, e as igrejas, as queridas antigas igrejas cristãs destruídas, me fere o coração. Também porque é uma tragédia que se realiza diante da indiferença geral”.

Pelo vasto conhecimento das terras do Oriente Médio, D. Bortolaso tinha ao mesmo tempo uma capacidade de análise lúcida e desencantada sobre as causas e as possíveis vias de solução dos conflitos, mas também uma visão profética e iluminada, fruto da sua fé inabalável num Deus de amor, que não abandona os próprios filhos até nas condições mais desesperadoras.



Do Líbano, escreveu assim a pe. Arrigo, sacerdote de Vicenza, no dia seguinte da guerra de 2006: “Entre as muitas ruínas desta guerra estamos assistindo a uma maravilha nova: muitos muçulmanos buscam e encontram um refúgio justamente junto aos cristãos que, esquecendo as dolorosas cicatrizes da guerra civil passada, acolheram os refugiados, confraternizando com eles. Esta convivência fraterna é um fato novíssimo, inimaginável até poucos anos atrás: por enquanto é só uma pequena semente que, porém, pode se tornar amanhã um cedro gigante, a ponto de estender os seus ramos sobre todo o país dos cedros”.

D. Bortolaso conheceu a espiritualidade dos Focolares na Bélgica no final dos anos 1960 e se pode dizer que a unidade e o diálogo tenham sido a bússola da sua vida. Por muitos anos esteve empenhado na vida de comunhão dos bispos amigos dos Focolares, tanto que nasceu ao redor dele, no Líbano, um grupo de bispos do Oriente Médio desejosos de aprofundar a sua espiritualidade da unidade.

Sempre numa entrevista sobre a complicada situação do conflito sírio, afirmou: “Sempre pensei que quem endereça a própria vida à unidade, acertou em cheio no coração de Jesus. Assim, eu dizia a mim mesmo: “Tu não és o bispo dos latinos somente, tu és o bispo de Jesus, e Jesus aqui na Síria tem 22 milhões de almas”. Procurei viver a unidade sempre e com todos: com os meus sacerdotes, com os religiosos, com os fiéis, com os bispos e os cristãos das outras Igrejas, ortodoxas e protestantes, com os muçulmanos” . ■

Stefania Tanesini

A página “Testemunhos/Vidas vividas”, que trazia breves perfis pessoais de membros do Movimento dos Focolares que concluíram a vida terrena, muito apreciada pelos nossos leitores, foi suspensa por causa das novas leis referentes à tutela da privacidade e a proteção dos dados pessoais, em observação do Regulamento (UE) 2016/679. Temos a esperança de poder retomá-la em breve, apenas sejam realizados os necessários estudos legais.

A Redação

Coreia: uma visita excepcional na Sung Sim Dang

No dia 24 de janeiro, Moon Jae-in, Presidente da República de Coreia, visitou a Panificadora Sung Sim Dang que adere ao projeto Economia de Comunhão.

Para um empresário a visita do Presidente da República na própria empresa é um evento excepcional, mas se a visita acontece no dia do seu aniversário, ainda mais! Foi o que aconteceu na cidade de Daejeon (Coreia) com Amata Kim e Fedes Im, empresários da Economia de Comunhão (Edc) da Panificadora Sung Sim Dang.

Moon Jae-in, presidente da Coreia do Sul desde maio de 2017, conhecido no ocidente por ter conseguido iniciar o processo de paz com a Coreia do Norte depois de quase 70 anos de guerra fria, festejou o seu aniversário na Sung Sim Dang com uma magnífica torta, e pôde conhecer de perto a história da empresa.

O sua publicação no Instagram teve em poucas horas mais de 76.000 curtidas. O seu comentário na foto é muito interessante: “Fui surpreendido hoje ao festejar o meu aniversário na panificadora Sung Sim Dang de Daejeon. Durante a guerra de 1950, meu pai e o funda-



dor da padaria (pai de Fedes, ndr) encontravam-se no mesmo barco de evacuação, a Victoria, para fugir do Norte da Coreia. Hoje, para nós, é muito importante e precioso lembrar este momento da história. O dia do meu aniversário é um dia como qualquer outro, mas hoje me reabasteço com forças novas pelos votos recebidos de muitas pessoas. Obrigado!”

O evento teve grande repercussão nos meios de comunicação, também pelo grande valor - reconhecido universalmente - que a empresa Edc Sung Sim Dang representa para toda a cidade de Daejeon. ■

Antonella Ferrucci

Fonte: www.edc-online.org

Contribuições para o noticiário Mariápolis:

Prezados leitores do noticiário Mariápolis, obrigado pelo apoio generoso durante todos estes anos ao Noticiário Mariápolis em papel, tanto para a impressão como para a difusão da revista.

Como sabem agora temos uma sessão do novo site dedicada à Mariápolis (www.focolare.org/pt/mariapoli/). Os artigos mais importantes publicados on line serão reunidos neste noticiário em formato Pdf apropriado

para a impressão. A publicação pode ser descarregada do site e quem deseja recebê-la por email pode solicitar inscrevendo-se diretamente no site. Agradecemos a todos que quiserem continuar apoiando o trabalho da Assessoria de Comunicação também economicamente, contribuindo deste modo para a difusão do Carisma da unidade.

A Redação

A ajuda econômica pode ser enviado por transferência bancária na conta corrente:

PAFOM – Noticiário Mariápolis
Unicredit Ag. di Grottaferrata (RM) - Piazza Marconi
IBAN: IT 94 U 02008 39143 000400380921
BIC: UNCRITM1404

O presente Noticiário Mariápolis em formato Pdf é uma seleção de notícias publicadas no site do Movimento dos Focolares - P.A.F.O.M. www.focolare.org/pt/mariapoli/

© Todos os direitos reservados